



Autoría: Gonçalves da Silva Antunes, Andréa; Corrêa Cardoso, Carla Verônica; Viana Machado, Maria de Fátima; de Figueiredo Portugal, Naila y Gonçalves Bastos, Patricia

Documento de conferencia

Professoras pesquisadoras na pandemia da COVID-19: desafios e possibilidades na Educação Infantil

Año: 2023

Gonçalves da Silva Antunes, A., Corrêa Cardoso, C. V., Viana Machado, M. de F., de Figueiredo Portugal, N. y Gonçalves Bastos, P. (2023). Professoras pesquisadoras na pandemia da COVID-19: desafios e possibilidades na Educação Infantil. En M. E. López (Comp.), *5° Congreso Internacional entre Educación y Salud. Infancias: Diálogos interdisciplinarios. 60 años de formación profesional ética y humanizante* (pp. 80-85). Repositorio Digital Institucional Universidad Provincial de Córdoba. <https://repositorio.upc.edu.ar/handle/123456789/556>

Documento disponible para su consulta y descarga en el [Repositorio Digital Institucional Universidad Provincial de Córdoba](#)

Professoras pesquisadoras na pandemia da COVID-19: desafios e possibilidades na Educação Infantil

Andréa Gonçalves da Silva Antunes¹

Carla Verônica Corrêa Cardoso²

Maria de Fátima Viana Machado³

Naila de Figueiredo Portugal⁴

Patricia Gonçalves Bastos⁵

Instituição de procedência:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)

Palavras-chave: professora pesquisadora, Educação Infantil, pandemia, COVID-19, Brasil.

1. Professora de Educação Infantil en la Red Municipal de Educación en el Municipio de Niterói. Licenciada en Letras Portugués/Literaturas (UERJ/FFP/2012). Posgrado en Lengua Portuguesa y Literaturas - (UERJ/FFP) en Gestión Escolar-FESL. Magister en Educación - UERJ/FFP-2017. Miembro del GIFORDIC- E-mail: goncalves.silva2006@gmail.com

2. Estudiante de Maestría en el Programa de Posgrado en Educación – Procesos Formativos y Desigualdades Sociales, de la FFP/UERJ. Profesora orientadora educacional de la Secretaría Municipal de Educación (SEMED) de São Gonçalo. Integrante del Grupo de Investigación GIFORDIC (FFP/UERJ). E-mail: carlavvers8@hotmail.com

3. Estudiante de Maestría en el Programa de Posgrado en Educación - Procesos Formativos y Desigualdades Sociales, de la FFP/UERJ. Profesora del Municipio de Teresópolis. Participa del Grupo de Estudios e Investigación de la(s) Infancia(s) (GIFORDIC/FFP/UERJ). E-mail: negra.fa@hotmail.com

4. Estudiante de Maestría en el Programa de Posgrado en Educación (UERJ/FFP). Profesora de Educación Infantil en la Fundación Municipal de Educación (FME) – Niterói. Participa del Grupo de Estudios e Investigación de la(s) infancia(s). Formación de Profesores(as) y Diversidad Cultural (GIFORDIC). E-mail: nailaportuga22@gmail.com

5. Estudiante de Maestría en el Programa de Posgrado en Educación – Procesos Formativos y Desigualdades Sociales, de la FFP/UERJ. Profesora concursada de la Fundación Municipal de Educación (FME) del Municipio de Niterói. Participa del Grupo de Investigación (GIFORDIC/ FFP/UERJ). E-mail: patgbastos@gmail.com

Resumo

O presente artigo é um recorte acerca de como as autoras vivenciaram a pandemia da COVID-19 no cotidiano escolar de instituições públicas de Educação Infantil. O objetivo é compartilhar como se deram as experiências que envolvem o acolhimento e as relações pedagógicas entre as professoras e as crianças no atual contexto que nos atravessa. Oriundas de instituições localizadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil, pretendemos trazer para discussão, o diálogo com linhas teóricas que refletem sobre os conceitos da Sociologia da Infância, o cotidiano escolar e a formação de professores. Do ponto de vista metodológico, as investigações envolvidas neste trabalho são qualitativas e destacam a etnografia, a pesquisa participativa e a pesquisa com as crianças, trazendo a dúvida como método (Garcia 2003), que nos provoca a investigar o que assusta e que também, instiga a curiosidade epistemológica. Enquanto professoras que somos, em constante exercício de reflexão sobre a própria prática, articulando-a com a teoria a partir de questionamentos sobre a ação pedagógica, temos buscado outros modos de vivenciar o cotidiano escolar com as crianças, durante a pandemia, na Educação Infantil. Acreditamos que ao problematizar as determinações governamentais, diante das demandas do acesso à educação pública, somos desafiadas a compreender o complexo arcabouço político que determina as medidas educacionais, neste segundo ano pandêmico. Este artigo poderá contribuir para que as discussões e análises sobre os impactos da pandemia no cotidiano escolar da Educação Infantil no Brasil, sejam ampliadas e abertas ao diálogo e intercâmbio com outras realidades vivenciadas na América Latina, sobre esta temática.

Introdução

A realidade da pandemia da COVID-19 no cotidiano escolar, produziu muitos impactos nas relações entre as crianças, suas famílias e professoras. Professoras que atuam em escolas e unidades de Educação Infantil públicas, no estado do Rio de Janeiro, e fazem parte do Grupo de Estudos e Pesquisas, Infâncias, Formação de Professores(as) e Diversidade Cultural (GIFORDIC).

Unidas para a escrita da composição deste texto, nós, professoras da pequena infância, partimos de um lugar: o chão de escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, advindas de diversos municípios nos quais estamos inseridas e realizamos o nosso fazer pedagógico majoritariamente com as crianças das classes populares.

Dentre os impactos pandêmicos, a suspensão das atividades escolares presenciais marcou intensamente tanto os processos de produção de saberes das diferentes infâncias, quanto os processos formativos das professoras, apresentando muitos desafios práticos e reflexivos.

Como manter as relações com as crianças e construir vínculos, neste contexto de suspensão do cotidiano escolar? Como estariam elas produzindo as suas culturas infantis distantes dos seus pares? (Corsaro 2011) Quais práticas pedagógicas dialogariam com este tempo pandêmico? Estas e tantas outras questões contribuíram para compreendermos a necessidade de buscarmos outros modos de pesquisar a própria prática e transformá-la significativamente, tendo a dúvida como método investigativo (Garcia 2003).

Com esse novo cenário sendo desenhado pelo distanciamento social, fomos imersas em uma nova realidade para a qual, talvez não estivéssemos preparadas, um caminho que começamos a percorrer como “andarilhos que viajam atentos ao caminho, dispostos a mudar o rumo se o caminho o requer” (Kohan 2019, p. 147).

Enquanto professoras-pesquisadoras (Garcia y Alves 2002), temos vivenciado ao longo das nossas trajetórias docentes o exercício de refletir sobre a própria prática, articulando-a com a teoria, a partir dos questionamentos constantes sobre o fazer pedagógico e as relações que se constroem a partir das perspectivas éticas, pedagógicas, políticas e sociais, partindo do “princípio de que a ação e a reflexão compõem uma relação dialógica e dialética” (Esteban y Zaccur 2002, p. 20), fundamentais para a formação profissional e para o trabalho pedagógico e político com diferentes infâncias.

Um dos grandes desafios das instituições de Educação Infantil, neste contexto, foi encontrar formas de acolher as crianças e suas famílias, mesmo distantes fisicamente. Inicialmente, a busca pelo melhor canal de comunicação, e em seguida as tentativas de criar vínculos afetivos com inúmeras estratégias tais como: conversas por vídeo, atividades lúdicas, reuniões online, construção de jogos com materiais reciclados, enfim, muitas tentativas que por vezes foram frustradas pelo caos instaurado: desemprego, mortes em massa, falta de saneamento básico, falta de estrutura familiar e a insegurança do amanhã, evidenciando ainda mais as desigualdades que se ampliaram assustadoramente neste tempo pandêmico.

Durante o contato com as crianças e suas famílias, percebemos, por meio das fotografias e vídeos que nos enviavam, a realidade preocupante, que apresentava-se. Falta-lhes o básico, o primordial e como não entender a falta de internet ou equipamento tecnológico? Aulas? Não, não demos aulas! Realizamos encontros síncronos que muitas vezes serviram para acolher a lágrima de uma criança, para alegrar um rosto sofrido com um abraço virtual, para ouvir, sim ouvir essas crianças e famílias que só precisavam falar... contar seus medos, dores, faltas.

O desafio das instituições de Educação Infantil em acolher as crianças pequenas e suas famílias na pandemia da COVID-19 foi, talvez, um dos maiores de toda a sua existência. Mesmo porque nós, professoras, precisávamos desse acolhimento tanto quanto eles. Olhos marejados eram comuns em ambos os lados da câmera. Ao entrar nas casas,

passamos a viver muito de perto os contextos de nossas crianças fora dos espaços físicos das instituições de Educação Infantil. Faltava em nós recursos tecnológicos sim, porém faltava estrutura emocional para viver realidades que pareciam duras sem poder ao menos abraçar as crianças.

Mas afinal, de que crianças estamos falando? De crianças, que antes da pandemia já tinham suas vidas lançadas à marginalização devido às desigualdades sociais presentes no nosso país, e que hoje encontram-se ainda mais excluídas por não possuírem acesso à internet e aos aparatos tecnológicos. Revelam-se dificuldades potencializadas pelo momento em que vivemos, em que o pouco dinheiro que recebem, destina-se à alimentação, pois, sem outras alternativas, restam-lhes priorizar a sobrevivência.

Neste contexto, ainda que pensemos com especial dedicação em propostas que garantam a manutenção de vínculos e aprendizados das crianças conosco, professoras-pesquisadoras da escola, nos deparamos constantemente com o desafio ocasionado pelo descaso do poder público.

Além de não fornecer auxílio financeiro para as professoras da pequena infância, para a aquisição de equipamentos e custo com internet, também isenta-se de cumprir seu papel de disponibilizar aparelhos tecnológicos para as crianças das camadas empobrecidas da sociedade, com as quais trabalhamos. Se anteriormente estas infâncias já tinham os seus direitos básicos destituídos, hoje também encontram-se preteridas a acessibilidade virtual.

Diante da negligência do poder público, ao refletir sobre as determinações deste, no período pandêmico, consideramos o boletim extraordinário da Fundação Oswaldo Cruz, de 25 de maio de 2021, que apresenta um aumento das taxas de incidência (casos novos) da COVID-19, demonstrando intensa circulação do vírus, no Brasil. Esse contexto pode provocar novas pressões sobre o sistema de saúde. Diante desta angustiante constatação, somos impactadas com medidas definidas pelas secretarias municipais de educação que corroboram para que essa horrenda realidade seja mantida. Como professoras da pequena infância nos desafiamos a compreender o complexo arcabouço político que determina as medidas educacionais, neste segundo ano pandêmico.

Torna-se importante resgatar as Diretrizes do Conselho Nacional de Educação (CNE), que em abril de 2020, por meio do Parecer 5/2020 (Brasil 2020), apresentou orientações referentes à reorganização do calendário escolar e a normatização das ações para o ensino remoto na Educação Infantil. Diante deste parecer inicial, reconhecemos a urgência de debatermos a política de Educação Infantil a partir dos seus fundamentos históricos, políticos e socioeconômicos (Monção y Barbosa 2021). Este debate foi pouco aprofundado nos espaços de construção das políticas públicas, desconsiderando principalmente a participação das professoras da pequena infância, tendo como resultado os decretos

atuais que definem a retomada às aulas presenciais, diante de um aumento expressivo de contágios contabilizados no Estado do Rio de Janeiro: 4.341 casos confirmados e uma média de morte de 227 pessoas por dia, em agosto de 2021.

Compreendemos que este período pandêmico, completamente inesperado, exige uma “incessante busca de criação de um saber pensar, de um pensar certo, de um pensar crítico” (Freire 2013, p. 181). Implicadas na incessante busca de uma “sabedoria política” (Freire 2013, p. 181), entendemos que os processos formativos das professoras ultrapassam a formação técnica e necessitam alcançar o reconhecimento da sua natureza social e histórica, propondo indagações provocadoras da transformação do mundo, com o propósito de superar as desigualdades sociais.

No atual contexto ressaltamos o reconhecimento das crianças pequenas como sujeitos históricos e de direitos, cidadãos que produzem as suas culturas. Destacamos o quanto é profícuo a escuta e a participação das professoras da pequena infância e das famílias, na reinvenção de estratégias político-pedagógicas, a fim de estreitar vínculos e produzir novos saberes. Cada setor, área tem sua responsabilidade no ato e no conjunto do processo educacional com as infâncias, nos entrelaçados.

Assim, professoras-pesquisadoras das infâncias lançaram mão de criatividade, estudos e formações diversas, na manutenção do afeto, para que este se tornasse possível também por meio de uma tela, ainda que não igualitária. Tendo em vista que o contato, o toque, o cheiro, as diferentes linguagens, são elementos fundamentais nos processos educativos com as crianças. Porque em cada encontro estabelecido busca-se ao menos a manutenção do vínculo afetivo e diálogos possíveis e necessários a partir das leituras de mundo em situações diversas que compõem essa vivência regada de experiências diversificadas, de relações contínuas e inacabadas.

Referências bibliográficas

- BOLETIM OBSERVATÓRIO COVID-19 [da] Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2021. Disponível:https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_covid_2021_extraordinario_maiodf.p
- Brasil (2020). CNE nº 05/2020 de 01/06/2020, Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19.
- Corsaro, W. (2011). *Sociologia da Infância*. Editora Artmed.
- Esteban, M. T. y Zaccur, E. (2002). *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Editora DPyA.
- Freire, P. (2013). *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Editora Paz e Terra.
- Garcia, R. L. y Alves, N. (2002). Conversas sobre pesquisa. (pp. 97-117) In: Esteban, M. T. y Zaccur, E. *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Editora DPyA.
- Garcia, R. (2003). A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. (pp. 193-208). In: Garcia, R. *Método: pesquisa com o cotidiano*. Editora DPyA.
- Kohan, W. (2019). *Paulo Freire, mais do que nunca: uma bibliografia filosófica*. Editora Vestígio.
- Monção, M. A. G. y Barbosa, L. M. R. (2021). *Políticas Públicas de Educação Infantil: diálogos com o legado de Fúlvia Rosemberg*. Pedro y João Editores.